Capítulo XIV — Magnificências da conversão

> **Sumário.** Magnificências do lado de Deus. Mudança radical e súbita que se opera em Dimas. — A conversão de um pecador, milagre maior do que a criação do céu e da terra: doutrina de santo Tomás. — A conversão de Dimas comparada à de Madalena, à de são Paulo, à de são Pedro. Mais espantosa do que todas as outras. — Sentimento dos Padres.

A 2 de agosto de 1707, Nápoles foi testemunha de um estranho espetáculo. Pela manhã, o Vesúvio começou a vomitar espessas colunas de cinzas e de fumaça. Sem hipérbole nem exagero, o sol ficou obscurecido, a tal ponto que, perto do meio-dia, Nápoles se viu mergulhada numa noite negra como noite de inverno. O horror das trevas era aumentado pelo ruído retumbante de pedras enormes, vomitadas pela cratera e que caíam ao longe, precedidas e seguidas de relâmpagos ofuscantes.

Os habitantes, transtornados, julgaram que chegara a última hora de sua cidade. Uns temiam, não sem razão, que essas massas de cinzas ardentes, caindo sobre matérias inflamáveis, ocasionassem um imenso incêndio, de que a graciosa, a opulenta Partenope seria a inevitável vítima; outros, que os campos, queimados pelas escórias do vulcão, ficassem doravante estéreis. Ninguém pensava no que logo ia acontecer.

À vista do perigo, a multidão tinha-se dirigido ao túmulo de são Januário. Graças à proteção desse grande patrono dos napolitanos, em poucos instantes tudo mudou. As nuvens de cinzas detiveram-se, as trevas desapareceram e o sol mostrou-se em todo o brilho de seus fogos, sob um céu puro como gelo.[1]

Essa mudança radical e súbita, que por vezes espanta na ordem natural, os anais da religião no-la mostram, mais maravilhosa ainda, na ordem superior da graça. A uma juventude maculada de devassidões viu-se suceder uma idade madura adornada de virtudes heroicas. É uma maravilha; pois está escrito:

> *O homem segundo o caminho que tomou sendo mancebo, d'elle se não apartará, ainda quando for velho.*[2]

Com incomparável brilho, o bom Ladrão vai oferecer-nos o espetáculo de semelhante metamorfose.

Até aqui um véu negro, espesso, manchado de sangue, cobre a pessoa e a vida de Dimas. A nossos olhos, como aos olhos de seus contemporâneos, apareceu-nos não apenas como bandoleiro ordinário, mas como bandoleiro de espécie superior: celerado cuja vida não é senão um longo tecido de roubos e assassínios, tigre sedento de sangue, terror do país, vergonha da humanidade, crucificado entre os aplausos de todo o povo.

> *Que houve jamais — diz são Crisóstomo — de mais miserável do que o Ladrão? E num piscar de olhos, que houve jamais de mais feliz? Cometera milhares de assassínios, estava condenado à morte; tantas testemunhas de seu suplício, tantos acusadores. O tempo ia acabar, e a sua vida se passara no crime; mas, porque durante um instante amou a Deus como é preciso, uma indizível felicidade tornou-se o seu quinhão.*[3]

Que se passou? Um som dessa voz interior que quebra os cedros, que abala as montanhas, ressoou no coração de Dimas. E esse coração de pedra tornou-se um coração de cera; esse coração de bruto, um coração de homem; esse coração de celerado, um coração de santo. Um raio do sol de justiça feriu-lhe o rosto, e esse rosto se irradiou. Sua horrenda fealdade tornou-se beleza sobre-humana, graça angélica; e sua boca, ainda toda maculada de blasfêmias, destila palavras doces como o mel, perfumadas como a humilde violeta.

Um lince mudado em cordeiro; um blasfemador mudado em evangelista; um celerado mudado em santo, e em santo canonizado ainda vivo: tal é a incomparável metamorfose do Calvário. E em nossas classes nunca se nos fala dela! e fazem-nos suar meses inteiros a explicar as metamorfoses, muitas vezes vergonhosas e sempre ridículas, dos deuses da Fábula, isto é, dos demônios! Enquanto o senso comum não volta à terra, recordemos algumas das magnificências da conversão de Dimas. Foi magnífica do lado de Deus; magnífica do lado do homem.

Magnífica do lado de Deus. Jesus estava elevado em cruz. Um povo de insultadores o tratava como o último dos homens. Na ordem da natureza, milagres retumbantes iam revelar-lhe a divindade. O sol obscurecido, espessas trevas caídas sobre o mundo, e a noite fazendo-se em pleno meio-dia, rochedos fendidos até profundezas desconhecidas, o véu do Templo rasgado e deixando ver os mistérios sempre ocultos aos profanos, sepulcros entreabertos e prontos a devolver à vida as vítimas da morte: tantos milagres deviam arrancar ao centurião o grito da fé: *«Na verdade este homem era Filho de Deos.»*

Para manifestar a plenitude do poder do divino Redentor, era preciso, na ordem moral, algum fenômeno não menos surpreendente. Com essa sabedoria que vai sempre direto ao seu fim, Jesus escolheu o mais difícil: a conversão súbita, retumbante, heroica de um pecador: e que pecador!

Os Padres da Igreja compreenderam o fato providencial e o celebraram dignamente.

> *Em sua cruz — diz são Crisóstomo —, o Senhor operou dois milagres retumbantes: abriu o céu fechado ao gênero humano havia quatro mil anos e nele introduziu um ladrão. Hoje mesmo, diz-lhe, estarás comigo no Paraíso. Que dizeis? Estais crucificado, estais pregado a um patíbulo e prometeis o paraíso! Sim, prometo-o, a fim de fazer resplandecer o poder infinito de que gozo na cruz. Quis operar esse milagre, monumento incomparável de meu poder, não enquanto ressuscitava os mortos, mandava nas ondas irritadas, punha os demônios em fuga, mas crucificado, traspassado de pregos, saciado de ultrajes, coberto de escarros. Foi então que quis mudar a alma do ladrão. Assim vemos o seu poder resplandecer sobre o mundo material e sobre o mundo moral. Faz tremer a terra, fende os rochedos e transforma a alma do Ladrão, mais dura do que a pedra.*[4]

Se, como ensina santo Tomás, a conversão de um ímpio é obra maior do que a criação do céu e da terra,[5] é preciso acrescentar que, entre todas as conversões, nenhuma iguala a de Dimas.[6] Sem dúvida foi um prodigioso golpe de graça a conversão de Maria Madalena, que em poucos instantes, de pecadora pública, tornou-se uma das mais nobres almas de que a história guardou a lembrança.

É a tal ponto que o papa são Gregório Magno não hesita em dizer:

> *"É certo que Deus pôs no céu da Igreja dois grandes luminares, duas Marias: Maria, a Mãe do Salvador; e Maria, irmã de Lázaro. A primeira, luminar maior, para presidir ao dia, isto é, para ser o modelo e a protetora das almas inocentes; a segunda, luminar menor, posta aos pés de Maria, para iluminar durante a noite e ser o modelo e a protetora das almas penitentes.*[7]

A conversão da jovem princesa de Mágdala é mais miraculosa do que a do bom Ladrão? Com o padre Orília respondemos intrepidamente que não.[8] Antes de se converter, Madalena vira milagres, Dimas não vira nenhum. Tal é o ensinamento da tradição. Um dos mais retumbantes milagres de Nosso Senhor foi a ressurreição do filho da viúva de Naim. Com uma multidão de outros, Maria Madalena foi testemunha dele.

O infeliz jovem morrera no pecado. Vira os suplícios do inferno. Devolvido à vida, tornou-se um pregador que lançou o espanto na alma de todos os que o ouviram. Sua morte foi para vários o princípio da vida eterna. Entre eles estava Maria Madalena, a quem o temor e a confiança conduziram aos pés do Salvador. Em sua misericordiosa sabedoria, o bom Pastor quis achar-se no caminho da ovelha desgarrada. Imediatamente depois da ressurreição do jovem, dirigiu-se à casa de Simão, o leproso, onde Maria, impressionada com a novidade do milagre, resolveu apresentar-se ao taumaturgo e fazer o que ele lhe dissesse.[9]

Achais algo de semelhante na conversão do bom Ladrão? Onde estão os milagres que o fazem confessar os seus pecados e que, do abismo do vício, o elevam num piscar de olhos à mais alta

perfeição? Até então desconhecido para ele, Nosso Senhor só lhe parece o opróbrio de seu povo, um vermezinho, um malfeitor insigne: e é nesse estado que o proclama seu Deus e seu rei! É em seu patíbulo de ignomínia que ora a ele, que o adora, que nele crê: e isso quando todos o insultam ou o abandonam![10]

Admirável é a conversão de Maria Madalena, não menos admirável a de são Paulo; mas, continuamos a dizê-lo, mais admirável é a conversão de Dimas. Vejo, no caminho de Damasco, o jovem perseguidor marchando à frente de seus satélites. Impelido por seu ódio de fariseu a Jesus de Nazaré, só respira sangue e assassínio. Ai das ovelhas do Salvador que caírem sob a garra desse lobo rapace! O céu não está mais distante da terra do que Saulo do cristianismo.

Enquanto rumina seus homicidas projetos, uma voz do céu se faz ouvir. Rápida como o relâmpago, poderosa como o raio, derruba o futuro carrasco e o fere de tal pavor que exclama, todo transtornado: *«Senhor, que queres tu que eu faça?»* A mesma voz se digna responder-lhe; e é conduzido a Ananias, que acaba de revelar-lhe os desígnios de Deus sobre ele. O lobo é mudado em cordeiro; de perseguidor, Saulo se torna apóstolo. Eis o milagre de sua conversão. É tão retumbante que serviu de base a uma demonstração irrefutável da divindade de Nosso Senhor e do cristianismo.

A fulminante ação da graça não se faz sentir melhor na conversão do bom Ladrão? Saulo ouviu uma voz do céu que proclama a divindade daquele que ele persegue. Que voz ouvira Dimas? Nenhuma outra senão a voz da Sinagoga que blasfema e ultraja o seu companheiro de suplício. Que luz ofuscante ferira de cegueira os seus olhos corporais para abrir os olhos de sua alma? Nenhuma. Que Ananias teve Dimas para firmar-se na fé? Nenhum.

Dizei agora qual é o mais miraculoso: submeter-se a um Jesus que aparece no céu e faz ouvir essa voz divina cujo poder derruba os cedros e abala as montanhas; ou reconhecer humildemente por Deus um Jesus pregado ao patíbulo, escarnecido, coberto de escarros e a ponto de expirar como um simples mortal? No primeiro caso, prodígio da onipotência, capaz de converter o pecador mais endurecido; no segundo, prodígio de fraqueza e de humilhação, mais capaz, na aparência, de extinguir a fé do que de dá-la.

Falaremos da conversão de são Pedro? Foi súbita, foi sincera. Mas Pedro estivera três anos na escola de Nosso Senhor, fora testemunha de seus milagres; confessara em alta voz a sua divindade; acabava de recebê-lo na comunhão; fora escolhido para ser o seu vigário. Depois, mal tinha falhado, o bom Mestre se dignava lançar um de seus ternos olhares sobre o apóstolo infiel; e que eloquência naquele olhar!

Dizia:

> *Ah! Pedro, é assim que pagas o meu amor, que reconheces os meus benefícios! É assim que cumpres a promessa que me fizeste de morrer antes que abandonar-me! Quando estávamos no Tabor, não querias mais descer, para*

> *ficar comigo e partilhar a minha felicidade. Agora que me vês nas angústias de minha Paixão, juras que não me conheces!*

Quem teria resistido a tais censuras da parte de um mestre, de um amigo, de um pai como Nosso Senhor?

Comparemos agora Dimas a são Pedro, a conversão de um à conversão do outro. Estivera o bom Ladrão três anos na escola de Nosso Senhor? Não. Vinte vezes testemunha de seus milagres? Não. Pregador oficial de sua divindade? Não. Admitido à sua mesa e nutrido de sua carne adorável? Não. E depois, supondo que devesse reconhecer por Deus o seu companheiro de suplício, não era forçado a proclamar em alta voz a sua divindade e a expor-se assim a um redobramento de torturas. A isso ninguém o obrigava.

Sem querer tirar nada da perfeita conversão do príncipe dos apóstolos, digamos contudo que são Pedro não confessou o seu divino Mestre em presença dos servos e das servas do sumo sacerdote. Não retratou a sua negação; e, em testemunho de seu arrependimento, não seguiu Nosso Senhor ao Calvário. Dimas, ao contrário, confessa Jesus na cruz, declara-o inocente, defende-o contra os que o ultrajam, pede-lhe perdão de suas faltas e, em face de todos os seus inimigos, proclama-o seu Senhor e seu Deus.

Se se quer ver em toda a sua magnificência a ação onipotente da misericórdia divina, é preciso considerar ainda a conversão de Dimas sob o duplo aspecto da dificuldade e da presteza. Os ilustres convertidos que acabamos de citar não tinham sido mergulhados no mal desde a infância. Tinham recebido princípios de costumes e, durante um tempo mais ou menos longo, tinham feito deles, de maneira mais ou menos constante, a regra de sua conduta. Esses dias sem mácula eram como outras tantas pedras de espera de um novo edifício e outros tantos obstáculos a menos à futura ação da graça.

Nada de semelhante no bom Ladrão. Nascido entre ladrões, ao despertar para a razão só conhecera o roubo, o assassínio e o banditismo. Nenhum raio de luz viera perfurar as trevas de sua grosseira inteligência. Em sua vida de homem, nem um dia sem mácula, e talvez sem mácula sangrenta. É aos milhares que são Crisóstomo conta os assassínios de que se tornara culpado. Empreender converter um ser desses seria o mesmo que querer mudar um bruto em homem, fazer respirar um bloco de granito ou, como diz a Escritura, tornar branca a pele de um etíope.

> *Tomai — diz o padre Orília — todas as águas do Oceano e tentai fazer desaparecer a cor negra do negro ou as malhas da pele do leopardo: gastá-las-eis todas antes de chegar a termo. Do mesmo modo o homem que fez do vício como que uma segunda natureza; que, à força de mergulhar no mal, impediu o senso moral de desenvolver-se nele ou o sufocou criminosamente, esse homem só pode ser mudado por um milagre da graça, agindo na plenitude de sua força: tal era Dimas.*[11]

Pois bem! esse ser mergulhado no fundo do abismo do mal eleva-se num piscar de olhos ao cume da perfeição. No tempo de dizê-lo, está transformado, purificado de toda mancha, adornado de toda virtude; a tal ponto que não há mais para ele, como para muitos outros santos, nem penitência a fazer nem purgatório a temer. Está pronto para entrar imediatamente no paraíso; pronto para ser canonizado: e o é.[12]

> *A misericórdia divina fez tudo — escreve são Crisóstomo. Que dissera esse ladrão? Que fizera? Jejuara? chorara? mortificara-se? fizera longa penitência? De modo nenhum. Mas na própria cruz, depois da sentença de morte, obtém a salvação. Vede a presteza! da cruz ao céu, do suplício à glória.*[13]

É, pois, permitido concluir que, na conversão do bom Ladrão, a graça de Deus resplandece com incomparável magnificência. É, na ordem moral, o *fiat* criador, a obra-prima da destra do Todo-Poderoso, o consolador milagre diante do qual parecem empalidecer todos os outros: *Hujus latronis pœnitentia non extat æqualis* (*«A penitência deste ladrão não tem igual»*).

Acrescentemos, de passagem, que a misericórdia de Deus é sempre a mesma. Ainda hoje age, se não com o mesmo brilho, ao menos com a mesma presteza e a mesma eficácia. A água do batismo corre sobre a cabeça de uma criança. Ao simples contato dessa água, vivificada pela bênção divina, a alma da criança é instantaneamente purificada. O céu lhe está aberto, o seu lugar está fixado entre os anjos, por toda a eternidade.

Outro milagre. Quando, no tribunal da misericórdia, a palavra do sacerdote cai sobre uma alma maculada de crimes, no mesmo instante essa alma é transformada. Todos os laços que a prendem são rompidos; o inferno fecha-se sob os seus pés; e, se a contrição é perfeita, pode entrar imediatamente no céu. Nesses traços, que enchem o coração de amor e de confiança, o espírito reconhece com ventura a obra de Deus: simplicidade nos meios, presteza e fecundidade nos efeitos.

Notas

[1] Orília, liv. II, cap. VI, p. 107.

[2] Pv 22, 6.

[3] *Quid fuit latrone miserius? Sed repente evasit omnium beatissimus: atqui mille cædes fecerat; nam erat crucis supplicio damnatus, et ad mortem adductus, omnes eum accusabant, totum tempus erat consumtum, et vita transacta fuerat in scelere: sed quoniam exiguo tempore Deum ita ut oportet timescit, beatus factus est.* («Que houve de mais miserável do que o ladrão? Mas de repente saiu o mais bem-aventurado de todos: e contudo fizera mil mortes; pois estava condenado ao suplício da cruz e levado à morte, todos o acusavam, todo o tempo estava consumido e a vida passara no crime: mas porque, por breve tempo, temeu a Deus como é preciso, tornou-se bem-aventurado.») *In Ps. CXXVII*, *Exposit.*, n.º 2, p. 431, *Opp.*, t. V, edição Gaume.

[4] *Ut utrinque virtutem ejus videas: creaturam quippe totam commovit, petras scidit, petra duriorem latronis animam attraxit et honoravit.* («Para que vejas de ambos os lados o seu poder: com efeito, comoveu toda a criatura, fendeu as pedras e atraiu e honrou a alma do ladrão, mais dura que a pedra.») *De Cruce et Latr.*, n.º 2.

[5] *Majus est justificatio impii quam creatio cœli et terræ.* («É maior a justificação do ímpio do que a criação do céu e da terra.») I-II, q. 113, art. 9, no corpo.

[6] *Hujus latronis pœnitentia non extat æqualis.* («A penitência deste ladrão não tem igual.») Lucas de Burgos, *in Luc.*, cap. XXIII.

[7] *Sic pro certo fecit Deus duo magna luminaria, duas Marias, matrem videlicet Domini, et sororem Lazari. Luminare majus, hoc est Virginem beatam, ut præesset diei, hoc est lucem infunderet innocentibus: luminare autem minus, hoc est Mariam pœnitentem sub pedibus beatæ Virginis.* («Assim, por certo, Deus fez dois grandes luminares, duas Marias, a saber, a mãe do Senhor e a irmã de Lázaro. O luminar maior, isto é, a bem-aventurada Virgem, para presidir ao dia, isto é, para infundir luz nos inocentes; o luminar menor, isto é, Maria penitente, sob os pés da bem-aventurada Virgem.») S. Gregório Magno; B. Alberto Magno, *in Luc.*, cap. VII.

[8] *Il convertimento di questa inclita eroina della penitenza è per avventura superiore nella sua maraviglia a quello del santo ladrone? Intrepidamente asserisco che no.* («A conversão dessa ínclita heroína da penitência é porventura superior em sua maravilha à do santo ladrão? Intrepidamente afirmo que não.») P. 96.

[9] *Hic autem defunctus effertur non tam mortuus corporaliter, quam spiritualiter; mortuus enim erat in peccato.* («Este, porém, é levado já defunto, não tanto morto corporalmente quanto espiritualmente; estava, com efeito, morto no pecado.») B. Alberto Magno, *in Luc.* VII. *Cœpit loqui per confessionem.* («Começou a falar pela confissão.») S. Boaventura, em Silveira, *in Luc.* VII. — *Jam resurges a funere; stabunt ministri tui funeris, incipies vitalia loqui, timebunt omnes; unius enim exemplo plurimi corriguntur.* («Já ressurgirás do féretro; ficarão de pé os ministros de teu funeral, começarás a dizer palavras de vida, todos temerão; pois pelo exemplo de um só muitíssimos se corrigem.») S. Ambrósio, *in Luc.* VII. *Post resurrectionem adolescentis, convivium factum est in domo Simonis leprosi, ubi Magdalena permota novitate miraculi cogitavit se subdere Christo, indigna beneficio ejus.* («Depois da ressurreição do adolescente, fez-se um banquete na casa de Simão, o leproso, onde Madalena, movida pela novidade do milagre, pensou em submeter-se a Cristo, indigna do benefício dele.») B. Simão de Cássia, *in Luc.* VII, em Orília, p. 97.

[10] *Latro inter tot improperia et miserias, immo et inter tot tormenta crucis et mortis, prius non cognitum confitetur.* («O ladrão, entre tantos impropérios e misérias, e até entre tantos tormentos da cruz e da morte, confessa o que antes não conhecera.») S. Bernardo, *De Pass. Dom.*, cap. IX; id. Arnoldo de Chartres, *De sept. verbis*.

[11] Orília, p. 52.

[12] *Hac enim die, hac hora, latronem Christus in paradisum introduxit.* («Neste dia, nesta hora, Cristo introduziu o ladrão no paraíso.») S. Crisóstomo, *De Cruce et Latr.*

[13] *... Domini benignitatem totum negotium peregisse. Quid enim latro dixit? Quid fecit? num jejunavit? num flevit? num se afflixit? num longo tempore pœnitentiam exhibuit? Nequaquam. Sed in ipsa cruce post sententiam salutem obtinuit: vide celeritatem a cruce in cœlum, a supplicio in salutem.* («... que a benignidade do Senhor fez todo o negócio. Que disse, com efeito, o ladrão? Que fez? Jejuou? Chorou? Afligiu-se? Exibiu penitência por longo tempo? De modo algum. Mas na própria cruz, depois da sentença, obteve a salvação: vê a celeridade, da cruz ao céu, do suplício à salvação.») *In Gen.*, serm. VII, n.º 4, *Opp.*, t. IV, p. 787.

Revision #1
Created 25 November 2026 00:40:04 by Admin
Updated 25 November 2026 00:40:04 by Admin